

ANÁLISE DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: SUA RELAÇÃO COM FUTEBOL FEMININO

ANALYSIS OF THE SEXUAL DIVISION OF LABOR: ITS RELATIONSHIP WITH WOMEN'S SOCCER

ANÁLISIS DE LA DIVISIÓN SEXUAL DEL TRABAJO: SU RELACIÓN CON EL FÚTBOL FEMENINO

Domênico dos Santos Medici¹

Avelino Soares Barbosa²

Marcie Barcelos Lano³

RESUMO: O objetivo é apresentar situado na história as relações da divisão sexual do trabalho e o futebol feminino, levantando pontos de análises comparativas entre ambos os sexos no futebol e suas respectivas valorizações em caráter mundial e um pequeno recorte da valorização desta modalidade esportiva no município de Vila Rica-MT. Utilizamos o método de pesquisa bibliográfica de Lakatos (2003). Assumimos a pesquisa bibliográfica de Lakatos (2003) como método de produção de dados. Nos permitiu buscar informações em variadas fontes, desde a literatura acadêmica aos portais oficiais de governo. Realizamos uma análise histórica da inclusão da mulher no futebol, destacando pontos relacionados à desvalorização e a segregação velada da mulher no território futebolístico mundial e brasileiro. A literatura acadêmica destaca nos dias atuais que a escola, em especial as aulas de Educação Física, organizam-se com bases em teorias dicotômicas, que destacam que vôlei é esporte de mulheres e futebol e esporte de homens, reforçando um pensamento discriminatório e preconceituoso. Compreendemos que a escola precisa ser uma entidade atuante nas lutas contra preconceitos relacionados à prática do futebol feminino, e não um mero reproduzidor do pensamento controverso e disseminado socialmente, de que tem atividades específicas de mulheres e homens na sociedade.

2998

Palavras-chaves: Futebol Feminino. Desvalorização. Preconceito.

ABSTRACT: The objective is to present a historical overview of the relationship between the sexual division of labor and women's soccer, highlighting points for comparative analysis between both sexes in soccer and their respective global valuations, as well as a brief overview of the appreciation of this sport in the municipality of Vila Rica, Mato Grosso do Sul. We used Lakatos's (2003) bibliographic research method as our data production method. This allowed us to gather information from a variety of sources, from academic literature to official government portals. We conducted a historical analysis of women's inclusion in soccer, highlighting points related to the devaluation and veiled segregation of women in global and Brazilian soccer. Academic literature currently highlights that schools, especially Physical Education classes, are organized based on dichotomous theories, which emphasize that volleyball is a women's sport and soccer is a men's sport, reinforcing discriminatory and prejudiced thinking. We understand that the school needs to be an active entity in the fight against prejudices related to the practice of women's football, and not a mere reproducer of the controversial and socially disseminated thought, that there are specific activities for women and men in society.

Keywords: Women's Football. Devaluation. Prejudice.

¹Mestrando Educação/UFT/Brasil. ORCID 0000-0003-3985-3513.

²Me Educação/UFT/Brasil. ORCID <https://orcid.org/0009-0007-0542-6421>.

³Orientador. Dr. Ed. Física/Ufes-PPGE/UFRRJ, Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1181-8724>.

RESUMEN: El objetivo es presentar un panorama histórico de la relación entre la división sexual del trabajo y el fútbol femenino, destacando puntos para el análisis comparativo entre ambos sexos en el fútbol y sus respectivas valoraciones globales, así como un breve panorama de la apreciación de este deporte en el municipio de Vila Rica, Mato Grosso do Sul. Utilizamos el método de investigación bibliográfica de Lakatos (2003) como nuestro método de producción de datos. Esto nos permitió recopilar información de una variedad de fuentes, desde literatura académica hasta portales gubernamentales oficiales. Realizamos un análisis histórico de la inclusión femenina en el fútbol, destacando puntos relacionados con la devaluación y la segregación velada de las mujeres en el fútbol mundial y brasileño. La literatura académica actualmente destaca que las escuelas, especialmente las clases de Educación Física, se organizan con base en teorías dicotómicas, que enfatizan que el voleibol es un deporte femenino y el fútbol es un deporte masculino, lo que refuerza el pensamiento discriminatorio y prejuicioso. Entendemos que la escuela necesita ser un ente activo en la lucha contra los prejuicios relacionados con la práctica del fútbol femenino, y no un mero reproductor del pensamiento controvertido y socialmente difundido, de que existen actividades específicas para mujeres y hombres en la sociedad.

Palabras clave: Fútbol Femenino. Desvalorización. Prejuicio.

INTRODUÇÃO

Para escrita do presente artigo optamos relacionar os fenômenos futebol feminino e a divisão sexual do trabalho, porque essa temática de certa maneira ainda levanta polêmica, uma vez que ainda existem preconceitos nos dias atuais relacionados a mulheres e o futebol, como por exemplo: *jogar bola é coisa de menina?* Esta indagação persiste no contexto histórico com um ar preconceituoso e discriminatório por vários fatores e ao longo do desenvolvimento da escrita desse trabalho entenderemos alguns destes construídos ao longo da história do futebol feminino no Brasil.

O objetivo deste artigo é apresentar situado na história as relações da divisão sexual do trabalho e o futebol feminino, levantando pontos de análises comparativas entre ambos os sexos no futebol e suas respectivas valorizações em caráter mundial e um pequeno recorte da valorização desta modalidade esportiva no município de Vila Rica-MT.

Assumimos a pesquisa bibliográfica de Lakatos (2003) como método de produção de dados. Para esse autor a pesquisa bibliográfica e de fontes secundárias abrange:

toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS, p.182, 2003)

Respaldados pela autora, buscaremos variadas fontes, utilizando principalmente as produções digitais em portais oficiais, periódicos, revistas entre outras fontes atendendo sempre os padrões acadêmicos e científicos.

Esse trabalho está estruturado em duas sessões articuladas em sua escrita. Na primeira debatemos o contexto histórico do futebol feminino no Brasil e o segundo discutimos as questões de relações de trabalho de futebolistas no mundo, comparando como são distintos os tratamentos e valorização entre o futebol masculino e o feminino. No final do trabalho apresentamos as considerações finais a partir dos achados da pesquisa.

Para escrita do presente artigo optamos relacionar os fenômenos futebol feminino e a divisão sexual do trabalho, porque essa temática de certa maneira ainda levanta polêmica, uma vez que ainda existem preconceitos nos dias atuais relacionados a mulheres e o futebol, como por exemplo: *jogar bola é coisa de menina?* Esta indagação persiste no contexto histórico com um ar preconceituoso e discriminatório por vários fatores e ao longo do desenvolvimento da escrita desse trabalho entenderemos alguns destes construídos ao longo da história do futebol feminino no Brasil.

O objetivo deste artigo é apresentar situado na história as relações da divisão sexual do trabalho e o futebol feminino, levantando pontos de análises comparativas entre ambos os sexos no futebol e suas respectivas valorizações em caráter mundial e um pequeno recorte da valorização desta modalidade esportiva no município de Vila Rica-MT.

Assumimos a pesquisa bibliográfica de Lakatos (2003) como método de produção de dados. Para esse autor a pesquisa bibliográfica e de fontes secundárias abrange:

toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS, p.182, 2003)

Respaldados pela autora, buscaremos variadas fontes, utilizando principalmente as produções digitais em portais oficiais, periódicos, revistas entre outras fontes atendendo sempre os padrões acadêmicos e científicos.

Esse trabalho está estruturado em duas sessões articuladas em sua escrita. Na primeira debatemos o contexto histórico do futebol feminino no Brasil e o segundo discutimos as

questões de relações de trabalho de futebolistas no mundo, comparando como são distintos os tratamentos e valorização entre o futebol masculino e o feminino. No final do trabalho apresentamos as considerações finais a partir dos achados da pesquisa.

CONTEXTO HISTÓRICO

Iniciaremos a análise histórica com o veto que iniciou em 1941 durante a ditadura⁴, assinado por Getúlio Vargas que tirava das mulheres o direito de jogar futebol. Historicamente as mulheres sempre fizeram enfrentamentos principalmente ao que diz respeito à prática do futebol.

Tendo como referencia o “Arquivo S”⁵ do Senado Federal, nos apropriamos de informações a despeito do futebol feminino no Brasil, que julgamos necessárias apresentar nesse estudo. De acordo o referido Arquivo S, as mulheres ficaram mais de 40 anos proibidas de jogar futebol, por decisão estabelecida em decreto, na qual afirmava na qual que as atividades como o futebol eram “incompatíveis com as condições de sua natureza” (WESTIN, 2023, s/p).

Nesse período da ditadura todas as partidas de futebol feminino foram canceladas, por ordem do Conselho Nacional de Desportos, e as mulheres só retornaram aos campos de futebol no período pós ditadura militar⁶. Apenas em 1983 o futebol feminino foi aceito e regulamentado.

3001

Neste momento histórico de grande importância para o futebol feminino, foi instaurada uma CPI⁷ mista, infelizmente esta CPI não recebeu nenhuma jogadora, mas a ex-nadadora Maria Lenk, ex-atleta, que levantou a bandeira e saiu em defesa do futebol feminino. Considerada.

Heroína do esporte brasileiro, Lenk foi a primeira mulher da América do Sul a competir nos Jogos Olímpicos, na edição de 1932, em Los Angeles, e fez parte da primeira turma feminina a se diplomar em educação física no Brasil, em 1936. (WESTIN, 2023, s/p).

A resistência naquele momento histórico, de aceitar a mulher praticar esporte, justificava-se pela concepção de sociedade, de que as mulheres tinham o sexo frágil e serviam apenas para reproduzir e exercer seu papel de mãe. Uma mulher que jogava futebol poderiam

⁴ Ditadura do Estado Novo (1937-1945)

⁵ Agência Senado-**Arquivo S**: É uma página do senado federal que traz na publicação do dia 03 de agosto de 2023 edição 103, um apanhado histórico acerca do futebol feminino no Brasil.

⁶ Período que o Brasil passou pela ditadura militar (1964-1985).

⁷ Comissão Parlamentar de Inquérito

se tornar masculinizada e possivelmente perder sua capacidade reprodutiva e de amamentar os filhos mediante lesões de poderiam ocorrer nos jogos de futebol.

Ao longo da história superamos muitas conepções controvertidas em relação às práticas do futebol pela mulher, entretanto há ainda preconceitos velados, que pode ser considerado ainda pior, porque mascara o preconceito do ser humano, que muitas vezes age sem perceber que estão sendo preconceituosos, porque tais modos de pensar e agir, foram enraizados a partir da moral e costumes de nossa sociedade.

No intuito de evidenciar e as narrativas ao longo da história, apresentamos abaixo trecho da fala de Maria Lenk na CPI, ao defender que a prática do futebol é também arena da mulher.

— A mulher não se esteriliza e não perde as suas características femininas quando pratica esporte. Pelo contrário. Se não tem saúde, músculos trabalhados, resistência física, a mulher jamais será uma boa mãe. Será uma péssima reprodutora nesse sentido físico. A mulher deve fazer esporte, e talvez ela se torne mais independente, porque aprende a lutar. Talvez ela desenvolva qualidades morais que lhe sejam necessárias na luta de ocupar o seu lugar na sociedade. Ela se embeleza, não com aquela beleza de miss, que precisa de máscaras artificiais, mas com aquela beleza natural, saudável, que se reflete na pele, na cor da sua saúde, na sua postura.

— O futebol não pode ser tão impróprio para a mulher desde que se divulgaram os trabalhos do famoso médico desportivo Cooper⁸, que é meu amigo particular e permitiu que minha filha jogasse futebol no colégio. (WESTIN, 2023, s/p)

Maria Lenk argumentou de várias maneiras que a prática do futebol não traz prejuízos à visibilidade e a papel da mulher na sociedade. Apesar da mulher ter ganhado terreno nos espaços esportivos, em especial o futebol de alto rendimento, ainda enfrentam resistências quanto a aceitação na sociedade brasileira. Atualmente com a influência da mídias e dos patrocinadores, a exigência ainda existe de forma camuflada, pois, as jogadoras além de jogar bem, ainda devem ter boa aparência, para que o clube possa lucrar com as propagandas e produtos objetificando os corpos das atletas.

No contexto histórico da sociedade brasileira, observamos que a perspectiva das relações sociais, às quais se vinculam a divisão sexual do trabalho, carregam o estigma desta divisão, isso promove rupturas sociais, pois “as relações de trabalho também expõem com clareza os padrões

⁸ O famoso médico desportivo Kenneth H. Cooper que criou o **Teste de Cooper**, famoso teste de aptidão e avaliação físicas.

hierárquicos nas relações entre as mulheres, organizados por outras variáveis, entre as quais se destacam classe e raça” (BIROLI, 2016, p. 720). Ficamos a mercê de uma sociedade que segrega, exclui e desvaloriza mediante seu sexo, sua, classe social e outros atributos como raça para seguir padrões adotados por uma sociedade capitalista.

Nota-se que no campo do trabalho, o domínio masculino é representado por meio da divisão sexual do trabalho, termo cunhado pela sociologia, para indicar a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Marcado pela desigualdade, essas são sistêmicas, pois a sociedade hierarquiza as relações de trabalho pautadas no sistema de gênero que estabelece as relações sociais de sexo (MEDICI, 2022, p.42).

Enquanto sociedade, temos muitas barreiras a romper nestes quesitos. À exemplo disso, no dia 03 do mês de julho de 2023, foi sancionada a **LEI Nº 14.611, DE 03 DE JULHO DE 2023**, de igualdade salarial entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função (WESTIN, 2023).

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei 14.611:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios, nos termos da regulamentação, entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. **Art. 2º** A igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função é obrigatória e será garantida nos termos desta Lei (BRASIL, 2023, s/p).

3003

Apesar desta conquista não resolver os problemas relacionados a divisão sexual do trabalho ainda estamos um passo à frente de muitas nações quando o assunto é a inserção da mulher no futebol. Citamos a título de exemplo a Arábia Saudita que permitiu pela primeira vez a entrada de mulheres nos estádios de futebol somente em 2018.⁹

A Constituição Federal (CF) 1988 que em seu texto preconiza que todos são iguais perante a lei em seu artigo 5º, mas na prática social a equidade de Gênero não é garantida. Diante disso foi preciso no Brasil ser criada legislações específicas para tratar da igualdade entre os gêneros. Em 2023 por exemplo foi necessária a criação de uma Lei 14.611, esta lei trata especificamente do direito de as mulheres terem igualdades salariais para desempenho de uma

⁹ http://www.espn.com.br/noticia/739358_arabia-saudita-permite-entrada-de-mulheres-em-estadios-a-partir-de-2018

mesma função, ou seja, após 35 anos a luta das mulheres ainda persiste, para garantir algo que já era pré-estabelecido na constituição.

A desvalorização social e econômica da mulher acaba por corroborar para dificultar a equidade entre os gêneros (QUIRINO, 2015), o que mantém a mulher em uma posição subalterna, vinculando sua imagem ao trabalho doméstico.

Segundo Barreto et al. (2019), a civilização ocidental herdou uma forma de democracia que, em sua essência, nasceu antidemocrática. Tal estrutura inicialmente silenciou diversos segmentos que não se ajustavam aos seus padrões: mulheres, estrangeiros, idosos, escravos, analfabetos e crianças. Nesse contexto, a sociedade atribuiu o status de sujeito de direitos apenas a um grupo limitado de indivíduos, “os cidadãos do sexo masculino”, que se autorregulavam ao desempenhar o papel de legisladores.

ANÁLISE DO TRABALHO “FUTEBOL” DIVISÃO SEXUAL

O futebol é um fenômeno social amplamente reconhecido no mundo e no Brasil é a modalidade esportiva mais consumida diariamente pelos brasileiros. O esporte atende diversos públicos e objetivos. Para muitos é considerado um veículo de lazer, para outros meio de consumo através de telespetáculo (os apaixonados pelo futebol), para outros é um passa tempo, meio de relacionamento e práticas amadoras, dentre outros fatores culturais e históricos. No contexto desse trabalho reconhecemos o esporte na perspectiva do trabalho.

3004

As valorizações salariais, comparando-se os sexos é muito gritante. Como exemplo nesse, ao fazer a análise dos dados, de dois ícones a nível mundial do futebol, percebemos claramente os salário de Neymar é de aproximadamente (€160 milhões por ano cerca de R\$ 842.960.000,00)¹⁰ e o salário da atleta Marta é avaliado em (US\$ 400 mil por ano (R\$ 1,9 milhão)¹¹, demonstrando claramente essa discrepância salarial.

Em outra perspectiva de análise, percebemos que a atleta Marta, jogadora do Orlando Pride, venceu o prêmio da FIFA, de melhor “jogadora do mundo” em seis oportunidades: 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018¹², sendo considerada a recordista desse título, entre futebolistas masculino e feminino. Por outro lado, Neymar obteve em suas melhores colocações, no “quesito

¹⁰ Atacante da Seleção Brasileira e do Al-Hilal Saudi Football Club.

¹¹ Atacante da Seleção Brasileira de do Orlando Pride nos Estados Unidos.

¹² <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/quantas-vezes-marta-foi-eleita-a-melhor-jogadora-do-mundo-saiba.html>

melhor jogador de futebol”, duas premiações de terceiros lugares, jogando pelo Barcelona em 2015 e Barcelona/PSG em 2017.¹³

As evidências supramencionadas demonstram com nitidez que dois jogadores da seleção brasileira de futebol, de sexos diferentes, recebem influências econômicas diferentes (mulher recebe menos que o homem), onde o atleta homem, recebem mais visibilidade e maiores salários, apesar de eles exercerem o mesmo papel como jogador de futebol, mesmo a atleta do sexo feminino tendo alcançado mais títulos de melhor jogador.

De acordo Ferrito (2021), esses *indícios* nos propõem pensar que o trabalho foi organizado na sociedade para o homem, colocando a mulher como subordinada e responsável pela manutenção do lar, pela reprodução, de forma que os homens pudessem se dedicar totalmente ao trabalho.

A partir de pesquisas na literatura acadêmica, as *pistas* nos possibilitam indiciar que exista uma divisão sexual do trabalho que está atrelada à linha do patriarcado¹⁴, que na sociedade do século XXI, mesmo que mascarada, desvaloriza o trabalho feminino em algumas profissões, em remunerações, destacando a produtividade e o papel do homem no universo da economia.

Ao longo da história essa divisão impôs a sociedade pensar que há atividades de homem e atividades de mulher. Na Educação Física esse pensamento ainda é forte, porque é comum observarmos nos espaços escolares resistências de meninas para jogar futebol, tendo como argumento que as “meninas jogam vôlei e meninos jogam futebol”. Essa maneira patriarcal de pensar que tem “coisas para meninos e coisas para meninas” enraizou na cultura familiar e é refletido pelos estudantes nos espaços escolares até os dias atuais trazendo ainda um desafio para as escolares e professores romperem com esses tabus.

Para a autora Silva (2015), historicamente implantou-se um pensamento que a natureza do sexo definiria os esportes para homens e para mulheres, promovendo assim uma afirmação da masculinidade, em especial quando se trata da temática esporte. Nesse sentido os esportes que exigem de seus praticantes agressividade e força física seriam atividades que poderiam ser praticadas por homens. Como exemplo a autora cita que o pensamento de divisão de atividades na Educação Física destinadas à “natureza masculina e feminina” perdurou por anos com a

¹³<https://www.lance.com.br/futebol-internacional/fifa-the-best-relembre-posicao-de-neymar-ano-a-ano-no-premio-de-melhor-jogador-do-mundo.html>

¹⁴ Forma de organização social em que predomina a autoridade paterna.

preconcepção da proibição da prática do futebol pelas mulheres.

Compreendemos que homens e mulheres vivem em um palco no qual desempenham seus papéis designados, com importância equiparadas. A peça não pode prosseguir sem os dois principais tipos de atores. Nenhum deles contribuem mais ou menos para o conjunto; nenhum é secundário nem dispensável. Entretanto, o enredo é concebido, pintado e definido por homens. “Homens escreveram a peça, dirigem o espetáculo, interpretaram os significados da ação. Eles se auto escalaram para os papéis mais interessantes e heroicos deixando as mulheres como coadjuvantes”. (LERNER, 2019, p. 38)

À respeito da visibilidade do futebol masculino em detrimento do feminino, Lerner (2019), destaca nas Copas do Mundo é comum observar movimentos nas cidades de trabalhadores parando as atividades trabalhistas para assistirem os jogos, ruas pintadas, bandeirolas, consumo excessivo de camisetas da seleção brasileira, e até as escolas organizam o seu funcionamento para transmitir os jogos, fazem trabalhos com a temática de copa do mundo, adequando-se ao calendário da competição.

Por outro lado, em relação a Copa do mundo de futebol feminino, não tem os mesmos espaços e destaques nos principais canais televisivos, não se vê muitos movimentos da própria sociedade para consumir camisetas da seleção brasileira de futebol feminino, não se param os trabalhos, não há muitas ruas pintadas e muitas vezes nem se sabe qual a competição está sendo realizada, poucas escolas tematizam o evento (LERNER, 2019).

A partir dessas duas citações reproduzidas de Lerner (2019) percebe-se que impregnou-se uma desvalorização do futebol feminino em detrimento do masculino, nos mais variados seguimentos da sociedade, e sinalizamos que existe uma necessidade emergente de mudança de conceitos, atitudes, aceitação e principalmente afirmação do futebol feminino. Essa desvalorização histórica proporcionou muitos enfrentamentos até aqui e ainda há muitos obstáculos e espaços conquistar, em especial, essas mudanças precisam acontecer nos espaços públicos como escolares e dentro dos próprios lares.

Nessa parte da pesquisa nos dedicamos a investigar se existe discrepâncias de pensamentos e desvalorizações, do futebol feminino em detrimento do masculino no município de Vila Rica, Mato Grosso. Justificamos a investigação dessa realidade específica, tendo em vista que o pesquisador reside nesta cidade e é professor de Educação Física atuante nas escolas daquele município.

Apresentamos abaixo dois flyers que foi utilizado para divulgar um campeonato denominado “copa da independência de society” que ocorre no município de Vila Rica, Estado do Mato Grosso, região Centro Oeste do Brasil. Um dos campeonatos ocorreu no ano de 2018, 1ª edição, e o outro ocorreu no ano de 2023, sendo a 4ª edição desse campeonato. Evidenciamos que no período da Pandemia do Covid-19 não houveram competições e a ultima edição foi há dois anos atrás, ano de 2023, trazendo uma percepção de que esse campeonato não acontece anualmente.



Ao analisar os escritos dos flyers de maneira pormenorizada, nas duas edições do campeonato, evidencia-se que a competição é dividida por categoria, masculina e feminina, e a premiação também é específica para premiar as competições de cada categoria. Serão premiados em Ambas as categorias do 1º ao 3º lugar. Em relação a copa da independência do ano de 2018, 1ª edição, a premiação a premiação para a categoria masculina ocorreu da seguinte maneira: 1º lugar - R\$ 10.000,00; 2º lugar - R\$ 3.000,00 e 3º lugar - R\$ 1.000,00. Na categoria feminina a premiação foi estabelecida da seguinte forma: 1º lugar - R\$ 4.000,00, 2º lugar - 1.000,00 e 3º lugar R\$ 500,00.

A partir das pistas evidenciadas nesses flyers de divulgação, percebemos indícios de desvalorização, preconceitos e falta de visibilidade daqueles que organizam esse campeonato, porque as premiações relacionadas às colocações de podium estão muito distantes quando analisamos os flyers. Refletindo sobre esse caso apenas numa ótica positivista, percebe-se que o futebol feminino teve como previsão receber: 1º lugar - 40%; 2º lugar - 33,33% e 3º lugar 50%, em relação à previsão de valores a pagar na categoria masculina de futebol.

Na mesma linha de raciocínio, ao analisar o flyer do mesmo campeonato que ocorreu no ano de 2023 identificamos que a categoria masculina teve como previsão premiar: 1º lugar - R\$ 11.428,57; 2º lugar - R\$ 4.285,71 e 3º lugar - R\$ 1.428,57. Por outro lado a categoria feminina teve como previsão premiar em: 1º lugar - R\$ 3.000,00; 2º lugar - R\$ 1.000,00 e 3º lugar - R\$ 500,00. Ao analisar nos moldes da matemática, a categoria feminina teve como previsão receber apenas 26% da previsão da premiação da categoria masculina, na colocação de 1º lugar. Na de 2º lugar a categoria feminina teve como previsão ser premiada com 23,33%, dos valores previstos para a categoria masculina receber. Na colocação de 3º lugar, foi previsto para a categoria feminina receber 35% dos valores previstos para a categoria masculina receber.

Analisando o Flyer do mesmo campeonato, que ocorreu no ano de 2023, identificamos que as premiações da categoria masculina foram elevadas em valores reais, além da inclusão de novas categorias, como a sub-15, aberto e master. Já em relação ao feminino percebe-se apenas a categoria feminina de competição aberta para qualquer idade.

3008

Ao que parece a falta a pouca visibilidade ao futebol feminino reflete diretamente nas premiações. Compreendemos que ainda existem muitas conquistas necessárias, dentre elas a equidade nas competições e equivalência nas premiações.

Na nossa percepção, após analisar os flyers, há indícios de que essa desvalorização da mulher no futebol está entrelaçada à discriminação vivida por elas no campo social e político, resultado das relações sociais entre os sexos construídas ao longo da história, não é um problema exclusivo delas ou advindo de uma incapacidade natural (QUIRINO, 2015).

Esta construção histórica deve ser ressignificada, e no nosso entendimento precisamos avaliar e reavaliar nossas atitudes, visando aprimorar nosso comportamento diante dessa má construção da afirmação e limitações da mulher diante de muitas atividades em nossa sociedade, em especial o futebol. Hoje construímos a história do presente, e somos seres pensantes em processo constante de edificação e temos a partir de nossas escolhas e atitudes que lutar contra

esses preconceitos, desvalorização do futebol feminino no Brasil.

É preciso avançar também nas lutas políticas, visando incorporar direitos nas políticas públicas de esporte e lazer, nas leis que regulamentam o trabalho, trazendo impedimentos pelo menos em território brasileiro, porque entendemos que o futebol é um fenômeno mundial. Mobilizações nesse sentido, são consideradas movimentos que buscam igualdade de participação da mulher no esporte, equidade de direitos que contribuam para incentivar mais o fomento do futebol feminino no território brasileiro.

Operando no mesmo sentido Saffioti (2021) diz que a mulher é oprimida por meio do sexismo. Os padrões de características físicas que antes determinavam o que é ou não é para mulheres ainda permanecem, as vezes velado trazidos com bagagens de uma cultura preconceituosa. Mas sabemos que a indústria ao longo dos anos evoluiu e a força física foi ficando desnecessária, mas ainda perpetua a valorização feminina frente a masculina.

De acordo Goellner (2005) as mulheres no futebol não têm somente que demonstrar sua habilidade técnica, assim como os homens, para terem sucesso elas devem cuidar também de sua aparência, beleza e erotização dos corpos, para que haja empreendimento, essa ambiguidade assola o mundo do futebol feminino.

Nessa linha de raciocínio o trabalho feminino precisa gerar lucros. Nesse entendimento o trabalho feminino é incorporado como mercadoria, tendo valores de uso, tempo de validade, para atender não apenas a parte técnica, mas também de publicidade. A produção de valores de uso ou de bens não sofre nenhuma alteração em sua natureza pelo fato de ocorrer para o capitalista e sob seu controle, razão pela qual devemos, de início, considerar o processo de trabalho independentemente de qualquer forma social determinada Marx (2013).

Evidenciado por de Marx (2013), o trabalho gerado no futebol feminino tem que evidenciar algum lucro para os empreendedores, e é operando na ótica capitalista, tratando o corpo como um objeto, maniqueísta e descartável, que quando diminui rendimento e estética, diminui lucros, e passam a serem dispensáveis do mercado de trabalho.

Sobre a atribuição de significados ao corpo Butler (2003) salienta que ele é cultural, e a sociedade impôs as marcas de gênero, isto é, o que é de menino/homem não é de menina/mulher, que futebol é de menino e vôlei de menina e que os meninos vestem azul e meninas vestem rosa.

“o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados

culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. (BUTLER, 2003, P.27).

Percebemos o discurso de dominação cultural dos corpos ainda existe, por uma determinação que nós enquanto sujeitos, estamos sujeitados a estas apropriações, que consideramos a partir de nossas concepções de mulher, “indevidas”.

Segundo Borttolin (2011, p.103) “nota-se que seja necessário pensar qual a função da mulher nesta sociedade excludente que a represa em todos os ambientes sociais, inclusive no espaço escolar e esportivo, fortemente representado no jogo de futebol.”

A partir de suas pesquisas Borttolin (2011) salienta esse pensamento dicotômico de separar atividades e coisas por sexo existem no espaço escolar, principalmente nas aulas de Educação Física, trazendo uma ideia controvertida a mulher é menos capaz.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022 as mulheres correspondiam a 51,5% (104,5 milhões) da população residente no Brasil. Mesmo elas correspondendo a maioria, elas são discriminadas e estão sub-representadas; logo, são menos remuneradas em seus respectivos trabalhos a título de exemplo que citamos no futebol não é diferente.

3010

Assim, a tese da fragilidade do corpo feminino é muito utilizada quando convém excluí-la de mercados de trabalho mais rentáveis. Quando do indivíduo é retirada a sua humanidade, tornando-o mera objeto de exploração, as diferenças físicas entre corpos femininos e masculinos são superadas, e ambos transformam-se em instrumentos igualmente abusados. As mulheres terminam, ainda, por sofrer violências mais incisivas, na medida em que, junto com a exploração de seu trabalho, amargam ofensas sexuais de vários tipos. (FERRITO, 2019, p. 60)

Nesta linha percebemos que os diretos trabalhistas foram construídos com base no patriarcado em uma perspectiva masculina não há neutralidade ou equidade diante dos sexos na perspectiva do trabalho, observando que o discurso sempre se repete de forma abusiva contra as mulheres principalmente em funções subordinadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados da pesquisa que teve como objetivo apresentar situado na história as

relações da divisão sexual do trabalho e o futebol feminino, levantando pontos de análises comparativas entre ambos os sexos no futebol e suas respectivas valorizações em caráter mundial e um pequeno recorte da valorização desta modalidade esportiva no município de Vila Rica-MT, percebemos que a literatura acadêmica defende que ainda existem uma dicotomia de pensamento e ação, na organização da sociedade e instituições, que separa o que é de menino e o que é de menina.

Compreendemos também que o “corpo da mulher” é visto no universo futebolístico como um objeto maniqueísta e descartável que se mantém na arena esportiva enquanto a jogadora/atleta tiver um bom desempenho ou trazer lucros e visibilidade aos clubes.

Ao analisar os dados de dos flyers de divulgação do campeonato de futebol chamado de “Copa da Independência” percebemos que as mulheres são desvalorizadas tanto em relação aos valores de premiação quanto em relação as ofertas de campeonatos que possam abrande públicos específicos, como o sub 15, e o master, que são amplamente ofertados na categoria masculina.

Nossa intenção com essa pesquisa é contribuir para a ciência, ao sinalizar um diagnóstico de como a mulher vem sendo vista ainda hoje no contexto do futebol feminino, e sugerir mudanças na legislação brasileira e nas legislações municipais que possam integrar a mulher no futebol, com igualdade de oportunidades e com equidade.

3011

REFERÊNCIAS

BARRETO, Giovanna Carla et al. Gênero na educação e educação de gênero: a invisibilidade da mulher apesar de principal protagonista. *Vozes e Diálogo*, v. 18, n. 02, p. 6-19, 2019. Disponível em <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/14215>>. Acesso em 04 ago, 2023.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 59, n o 3, 2016. pp. 719 a 681. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201690>. Acesso em: 01, jan., 2022.

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo, Futebol também é coisa de menina: um estudo sobre o gênero feminino na escola. *Revista Univap*, São José dos Campos-SP, v. 17, n. 30, dez. 2011. ISSN 2237-1753. Disponível em < (pdf) “futebol também é coisa de menina”: um estudo sobre o gênero feminino na escola>. Acesso em 27 de nov. de 2023.

BRASIL, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUTLER, Judit. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* / Judith Butler; tradução,

Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERRITO, Barbara. *Direito e desigualdade: Uma análise da discriminação das mulheres no mercado de trabalho a partir do uso dos tempos*. São Paulo. LTR Editora. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303> . Acesso em: 12 nov. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Aceso em 24 de nov. de 2023.

LAKATOS, Eva Maria, *Fundamentos de metodologia científica* 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LERNER, Gerda. *A Criação do patriarcado a história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução/Luiza Sellera. São Paulo, Cultrix, 2019.

MARX, K. *O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉDICI, Mônica Strege. *A questão de gênero na docência: as mulheres professoras no magistério*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022. 153 f.

3012

QUIRINO, Raquel. Divisão Sexual Do Trabalho, Gênero, Relações De Gênero Sociais De Sexo: Aproximações Teórico-Conceituais: Em Uma Perspectiva Marxista. *Revista Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.24, n.2, p. 229-246, mai-ago, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9440>. Acesso em 22 dez, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado violência**. /Heleieth Iara Bongiovani Saffi oti. .ed.—São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo,8 reimpressão 2021.

SILVA, Giovana Capucim. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. *Aquivo S, Agência Senado*, Brasília, agos. 2023. Disponível em Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização — Senado Notícias>. Acesso em 15/06/2024.